

## “Festa Dionisiaca” ou “Santa Ceia”? : Dialogismo polêmico multimodal, cultura, identidade e psicopolítica no contexto da abertura das Olimpíadas de Paris 2024

“Dionysian Feast” or ‘Holy Supper’?: multimodal polemical dialogism, culture, identity and psychopolitics in the context of the Opening of the Paris 2024 Olympics

Tarcísio Pereira Guedes<sup>1</sup>

Priscila Santos Lopes<sup>2</sup>

Rodrigo Seixas<sup>3</sup>

**Resumo:** A partir do evento polêmico multimodal acerca da cena da abertura dos Jogos da XXXIII Olimpíada da Era Moderna (Paris 2024), propusemos uma Análise Dialógica da Argumentação Multimodal como base epistemológica e método de análise (Nascimento, 2018a, 2018b, 2019a, 2019b; Gonçalves-Segundo, 2021). Deparamo-nos com as modalidades da encenação, pintura, redes sociais e do jornalismo eletrônico. Para dar suporte a isto, discutimos sobre as relações entre linguagem, cultura (Certeau, 2010), identidade, diferença (Silva, 2012), dispositivo (Agamben, 2009) e psicopolítica (Han, 2018) como componentes do contexto desta polêmica multimodal. Baseando-se no método da empatia ativa e da *exotopia* bakhtiniana (Bakhtin, 2020 [1920-24]), nomeamos um campo discursivo de **direita da identidade sagrada** e, a partir deste um campo adversário da **esquerda da diferença profana**. Enquanto os atos polêmicos do primeiro campo são energizados pelo emocionalismo imediatista da psicopolítica, materializados pela ira, os do segundo são pelo racionalismo objetivo, universalista e estável de uma Semiótica Social. A partir da epistemologia e da análise, constatamos a importante concepção dialógica segundo a qual todos os mundos da experiência (esporte, arte, linguagem, política, cultura, religião) não estão dissociados e são a própria vida humana.

**Palavras-chave:** Cultura. Identidade. Psicopolítica. Dialogismo.

**Abstract:** Based on the multimodal polemical event surrounding the opening scene of the Games of the XXXIII Olympiad of the Modern Era (Paris 2024), we proposed a Dialogical Analysis of Multimodal Argumentation as an epistemological basis and method of analysis (Nascimento, 2018a, 2018b, 2019a, 2019b; Gonçalves-Segundo, 2021). We encountered the modalities of staging, painting, social networks and electronic journalism. To support this, we discuss the relationships between language, culture (Certeau, 2010), identity, difference (Silva, 2012), device (Agamben, 2009) and psychopolitics (Han, 2018) as components of the context of this multimodal polemic. Based on the method of active empathy and Bakhtinian exotopia (Bakhtin, 2020 [1920-24]), we named a right-wing discursive field of sacred identity and, based on this, an opposing left-wing field of profane difference. While the polemical acts of the first field are energized by the immediate emotionalism of psychopolitics, materialized by anger, those of the second are by the objective, universalist and stable rationalism of Social Semiotics. From epistemology and analysis, we can see the important dialogical conception

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana, BA. Endereço eletrônico: [cisio.guedes@gmail.com](mailto:cisio.guedes@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana, BA. Endereço eletrônico: [priscila4lopes@gmail.com](mailto:priscila4lopes@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Goiânia, Goiás. Endereço eletrônico: [rodrigo.seixas@ufg.br](mailto:rodrigo.seixas@ufg.br)

according to which all the worlds of experience (sport, art, language, politics, culture, religion) are not dissociated and are human life itself.

**Keywords:** Culture; Identity; Psychopolitics; Dialogism; Multimodal polemic.

## Introdução

Como prelúdio dos importantes Jogos da XXXIII Olimpíada de 2024, sediados em Paris (França), tivemos uma acirrada eleição legislativa em que a direita radical, aliança governista e a esquerda mediram forças em um pleito competitivo e polêmico. Após um primeiro turno em que a direita não conseguiu maioria absoluta, os franceses tiveram um segundo turno em que houve maior comparecimento em massa às urnas e a ideologia ultraconservadora viu-se suplantada pelos outros blocos, em 08 de julho de 2024. Neste ínterim, as expectativas para o início das Olimpíadas, de 26 do mesmo mês aos 11 de agosto. Tivemos, assim, uma cerimônia dinâmica, com simultaneidade protocolar da abertura entre trechos de desfiles de blocos de delegações, algo inédito no evento e que, de certa forma, quebrou a corriqueira monotonia de praxe.

Em determinada fase da cerimônia, ocorre uma homenagem à consagrada moda francesa e à culinária daquele povo originário dos francos e do Sacro Império Carolíngio. A comunidade LGBTQIAPN+, em nome da diversidade e pluralidade humana e cultural, tanto representa o desfile *fashion* quanto à requintada mesa francesa. Quanto à culinária, temos uma mesa comprida com personagens caracterizados, um deus do vinho azulado ao centro, à frente e abaixo da mesa, bem como a DJ Leslie Barbara Butch, militante da causa da diversidade de gênero, comandando o som do desfile e, ao centro da mesa, perante Dionísio. Diante dessa iconografia, instaura-se a polêmica segundo a qual a referida mesa, bem como o cenário, configuraria uma paródia herética e escarnecedora da tradição iconográfica da célebre pintura *A Última Ceia*, de Leonardo da Vinci. Nesse debate, sustenta-se que setores da esquerda francesa se apropriaram da cerimônia como forma de agredir ideologicamente a direita cristã, tanto na França quanto em outros contextos, por meio da paródia pagã e *queer* da representação da comunhão cristã.

Durante o referido final de semana, a polêmica fervilhou tanto no mundo virtual quanto nas relações sociais presenciais. Na Europa, insuflados pelas postagens da direita conservadora derrotada nas eleições francesas, autoridades eclesiásticas católicas e anglicanas juntaram-se ao coro de lideranças evangélicas dos Estados Unidos e do Brasil. Nosso lugar de enunciação nos permite asseverar que os cultos do domingo não foram os mesmos, devido à reverberação desta polêmica. Havia, no entanto, um contraponto ao argumento de ataque ao símbolo da eucaristia cristã. Após os devidos cancelamentos comerciais, assim como pedidos de perdão do comitê organizador na hipótese de alguém haver sentido-se ofendido, no dia seguinte, o diretor artístico da cerimônia, Thomas Jolly

afirma não ter se inspirado na religião cristã e sim em uma cena de deuses olímpicos. A partir disso, a análise iconográfica remeteu à representação de uma pintura holandesa do século XVII, *A Festa dos Deuses*, de Jan Harmensz van Bijlert.

O presente texto tem como objetivo principal discutir as relações entre linguagem, cultura e psicopolítica, a partir do efeito de sentido religioso suscitado pela representação, no que diz respeito à desqualificação da esquerda, pela direita, sob a argumentação de desrespeito à *doxa* cristã ocidental. Para tanto, iremos partir de uma conceituação da linguagem, cultura, psicopolítica, polêmica e multimodalidade presente desde a representação iconográfica ao efeito de sentido suscitado.

### Revisão bibliográfica

Para conceituar linguagem, partiremos da discussão sobre a identidade e a diferença como produção social, estabelecida por Tomaz Tadeu da Silva (2012). Vivemos em um mundo multicultural e em sociedades multiculturais, como a brasileira e a francesa, por exemplo. Nesse sentido, muitas vezes, lidamos com a transversalidade temática em relação ao que diz respeito ao conhecimento e também à uma falta, neste âmbito de problematizações em torno tanto da identidade quanto da diferença. A partir disto, entendemos uma Olimpíada como maior expressão cultural do globo terrestre, pois pelo menos 205 países se fazem presentes, com todo o seu repertório linguístico e cultural em um outro país, também dotado de transversalidades históricas, socioculturais e linguísticas. Diversidade, pluralidade, diferenças, identidades, em um evento esportivo desta magnitude, evocam “[...] a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é a de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença” (Silva, 2012, p. 73).

Nesse caso, uma das perspectivas sobre a identidade é a de que esta é autorreferencial, autocontida e autossuficiente, pois seria baseada no “Eu sou francês”, “Eu sou brasileiro”, “Eu sou cristão”, eu sou “LGBTQIAPN+”, na fórmula autoqualificativa do *Eu sou X*. A diferença seria uma entidade também por se opor à identidade - para Meyer (2008), só há identidade porque há diferença -, ou seja, é a visão de um Tu a partir de um Eu, “[...] concebida como autorreferenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade simplesmente existe” (Silva, 2012, p. 74). Partindo dos exemplos anteriores, estaria no campo das enunciações de “Ele é francês”, “Ele é brasileiro”, “Ele é cristão”, “Ele é LGBTQIAPN+”. Ambas, identidade e diferença, são interdependentes em uma relação Eu para mim (identidade) e o Outro para mim (diferença). Todas estas referidas expressões de ambas ocorrem por meio da linguagem, sendo a identidade (Eu) definidora da diferença (Outro) e são mutuamente determinadas.

Tanto a identidade quanto a diferença, então, seriam criadas pela linguagem, ou seja, Eu e o Outro como criaturas da linguagem “[...] partilham uma importante característica: elas

são o resultado de atos de criação linguística” (Silva, 2012, p. 76). Ambas são ativamente produzidas pela linguagem, pois simplesmente não são produto nem do que se entende por mundo natural, nem do que se entende por mundo transcendental. Autoidentificar-se como “Eu sou cristão de direita” e diferenciar o outro como “Ele é um herege de esquerda” são fabricações contextuais tanto da identidade quanto da diferença em um âmbito de criações relacionais culturais e sociais. Ambas são nomeadas por meio de atos de fala, ou seja, são enunciadas, sujeitos às propriedades da própria linguagem, pois, enunciadas em signos “[...] identidade e diferença são o resultado de atos de criação *linguística* significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem” (Silva, 2012, p. 76).

Há uma outra propriedade importante da identidade e da diferença. Já que ambas resultam de um processo de produção simbólica e discursiva, elas são definidas em um campo discursivo e linguístico sujeito às relações de poder, aos vetores da força. Logo, isso quer dizer que elas são impostas hierarquicamente, por meio da disputa conectada com as relações de poder. Ou seja, onde há identidade e diferença, elas são diferenciadas em um contexto linguístico de poder, possuem um significado, são representadas e, além disso, por estarem em movimento e transformação podem ser consideradas como performatividade (Silva, 2012). Tanto a ideia de representação quanto a de performatividade nos interessam a serem relacionadas com a nossa posterior análise.

Voltando à questão do poder, temos que “O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes” (Silva, 2012, p. 81). Nesse caso, a afirmação da identidade e a marcação da diferença tanto incluem o Eu como excluem o Outro, pois afirmar a primeira demarca fronteiras, separa, distingue, reafirma, institui, a partir das relações de poder enunciadas pela linguagem a partir da diferença social binária entre “nós” e “eles”, geralmente em um “nós” contra “eles” polemicamente polarizados. Uma identidade (nós), fixada a partir dessa hierarquia de poder, torna-se norma linguisticamente classificatória para estabelecer a diferença (eles).

Sendo assim, essa normalização da identidade e a exclusão da diferença, por binarismo, pode ser questionada e problematizada em torno das relações de poder a partir das quais organizam-se linguisticamente. Isto se trata de normalização por meio da linguagem que termina por avaliar e hierarquizar a ambas, no sentido de haver uma identidade “natural”, normal, padrão, positiva, desejável, única, socialmente privilegiada, e as diferentes como negativas, antinaturais, anormais, desviantes, abjetas, dissonantes que devem ser socialmente relegadas, excluídas e suplantadas pela norma. Isso dialoga com a questão da psicopolítica que conceituaremos mais adiante.

Uma Olimpíada é um evento cultural, além de esportivo. A cultura do povo anfitrião mais a cultura de 204 países, assim como suas linguagens. A abertura deste evento também

expressa toda essa relação linguagem e cultura, ou melhor linguagens e culturas, no plural. Ambas não estão dissociadas da vida comum e do trabalho, como nos coloca Bakhtin em sua *Para uma filosofia do ato responsável* (2020 [1920-1924]). Essas linguagens e culturas estão presentes em suas sociedades e “Uma sociedade resulta, enfim, da resposta que cada um dá à pergunta sobre sua relação com uma verdade e sua relação com os outros. Uma verdade sem sociedade é apenas um engodo” (Certeau, 2010, p. 36). Sendo assim, há uma história linguística, política, cultural e artística de cada uma em relação com uma verdade. A linguagem torna-se em espaço de comunicabilidade de todos esses aspectos e “a vida social e o papel que nela exercem as autoridades remetem-nos, desse modo, àquilo que as torna possíveis” (Certeau, 2010, p. 38).

Deparamo-nos, assim, com uma Olimpíada. O evento em si é uma festa, com a abertura, discursos de autoridades olímpicas e governamentais, disputas desportivas, medalhas, hinos nacionais, eventos multiculturais, encerramento, celebrações a nível daqueles que em suas nações estão no poder pelos resultados das suas respectivas delegações. Há uma estreita relação entre as palavras, as imagens e as falas. Uma cerimônia de abertura expressa muito bem isto, pois “desde logo se arma um jogo entre a fala e o imaginário. Ele determina o enigma dessas felicidades prometidas pela imagem e negadas pelas palavras. O discurso da imagem as representa; a sintaxe das palavras as refere a um significado que não está lá (Certeau, 2010, p. 51). Na festa, o que é considerado blasfemo, pode ser a materialização da luta que, por sua vez, pode ser responsável pela violência.

Inferimos, a partir do já definido que linguagem, cultura, poder, e festa, podem estar sujeitos a uma psicopolítica embebida de neoliberalismo e de novas técnicas de poder. O que pode ser dito ou feito, o que não pode sê-los estão sujeitos a um dispositivo regulado pelo poder de uma maioria a determinar o modelo, o parâmetro, o normal, o aceitável. E esse dispositivo está presente nos modos de ser da própria linguagem, pois ela é a expressão da cultura, da sociedade e a determinação destes pelos detentores do poder, pois é calcado em três pontos: 1. Rede que se estabelece entre elementos heterogêneos linguísticos ou não-linguísticos; 2. Concretude estratégica em uma relação de poder estabelecida; 3. Generalização epistêmica dos enunciados permitidos e não permitidos.

Isso é definido por Giorgio Agamben (2009), baseando-se no pensamento de Michel Foucault. Segundo ele, ainda há três significados distintos para o termo “dispositivo”: um jurídico, com força de lei, como sentença decidida e disposta; um outro tecnológico, como peças de disposição de uma máquina, um mecanismo; um terceiro, com aspecto militarista de modos de disposição a partir de um plano (Agamben, 2009). Nesse caso, o que se entende como sujeito seria o resultado da relação entre os seres vivos (substâncias) e os dispositivos. Sendo assim, os dispositivos fazem com que os seres vivos sejam

atravessados por “múltiplos processos de subjetivação” (Agamben, 2009, p. 13), por meio da modelação, contaminação e controle.

Dessa maneira, “na raiz de cada dispositivo está, deste modo, um desejo demasiadamente humano de felicidade, e a captura e a subjetivação deste desejo em uma esfera separada constitui a potência específica do dispositivo” (Agamben, 2009, p. 14). A sexualidade, a biopolítica, a necropolítica, enfim, a psicopolítica não existem por acaso, nem tampouco são acidentes, pois são produções do humano e estratégicas para a manutenção de um modelo, uma identidade e exclusão das diferenças. O que passa deste modelo é “profanação”, no sentido que remonta justamente o modelo do direito e da religião, desde a antiga Roma. Daí a aversão ao considerado “profano”, por ser diferente, o que gera uma crise exploratória da liberdade, a partir de uma psicopolítica inteligente do poder.

Esta psicopolítica, por sua vez, age no sentido do controle das emoções dos sujeitos, pelo fato de estas serem consideradas como performativas e evocarem ações. Ao contrário dos sentimentos, que permitem uma narratividade, são dotados de duração e profundidade, a emoção “[...] não é *constatativa*, mas *performativa*, remetendo a ações. Também é intencional e finalista” (Han, 2018, p. 60). A emoção é dotada de situacionalidade, performatividade e dinamicidade, justamente por não ser durável, ser fugaz e ser expressão da subjetividade, assim “[...] as emoções só ganham importância no capital da produção imaterial” (Han, 2020, p. 64).

Dessa maneira é que o neoliberalismo explora a subjetividade livre da emoção para que a *emocionalidade* assuma o controle social no lugar da *racionalidade*, pois assim a universalidade, estabilidade, permanência, constância e regularidade desta seja posta de lado e dê lugar a uma mudança de estado perceptual e se perca o senso crítico sobre o que é apresentado aos sentidos. Ainda segundo Han (2018, p. 65) “a aceleração da comunicação também favorece a transformação emotiva, porque a racionalidade é *mais lenta* que a emotividade”, o que leva a uma *ditadura da emoção*. Assim, a interação comunicativa, o social, a comunicação e o próprio comportamento são explorados por meio da otimização emocional da própria comunicação.

Ao explorar as emoções, os enunciados daqueles que não raciocinam sobre o conteúdo de um espetáculo visual abrem mão de raciocinar sobre o que foi visto, buscar na universalidade a interpretação para o que foi apresentado aos sentidos e investem nas motivações ligadas à emoção para aumentá-las. E isto, de maneira tendenciosa, aciona o que há de mais primitivo no próprio organismo humano, pois irão motivar as reações do sistema límbico dos sujeitos, responsável biológico pela base energética sensível para evocar certas ações. Para Han (2018), estamos diante, então, do seguinte princípio que irá, de certa maneira, extinguir a racionalidade em torno de um fato representado e sobrepor o

emocionalismo à razão, afim de provocar reações aos fatos, por parte dos sujeitos incitados pelos enunciados a partir de uma situação não racionalizada:

Eles formam o nível pré-reflexivo, semiconsciente e corporalmente impulsivo da ação do qual frequentemente não se tem consciência de forma expressa. A psicopolítica neoliberal se ocupa da emoção *para influenciar ações sobre esse nível pré-reflexivo*. Através da emoção, as pessoas são profundamente atingidas. Assim, ela representa um meio muito eficiente de controle psicopolítico do indivíduo (Han, 2018, p. 68).

Esta psicopolítica e o seu “capitalismo da emoção”, a nível enunciativo, aproxima-se do *pathos* aristotélico, na medida em que este é entendido como a prova emocional da retórica (Aristóteles, 2012). Na Retórica, ele é muito elucidativo neste sentido, pois define a emoção desta maneira: “As emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer: tais são a ira, a compaixão, o medo e outras semelhantes, assim como as suas contrárias” (Aristóteles, **Retórica**, Livro II, §1378a, p. 85).

Isto nos faz levantar, de maneira inicial, a indagação de se a indignação contra a suposta *A Última Ceia*, parodiada e paganizada seria uma incitação ao *emocionalismo* por parte daqueles que polemizaram e disseminaram esta polemização, imediatamente à percepção da representação encenada. Levantamos isto, porque, na *Retórica*, a indignação é *pathos*, ou seja, emoção, e é definida como o contrário da piedade, pois enquanto esta é a “[...] pena que se sente por males imerecidos”, a indignação é “[...] a pena experimentada por êxitos imerecidos” (Aristóteles, **Retórica**, Livro II, §1386b, p. 114).

Assim, a partir da *Retórica*, entendemos que uma suposta indignação não cabe aqui, pois não se trata de reação a um êxito imerecido. Nesse caso, a reação à encenação aproxima-se mais daquilo que o filósofo em questão reconhece como ira. A emoção da ira é, então, o seguinte: “[...] um desejo acompanhado de dor que nos incita a exercer vingança explícita devido a algum desprezo manifestado contra nós, ou contra pessoas da nossa convivência, sem haver razão para isso” (Aristóteles, **Retórica**, Livro II, §1378a, p. 85). Trata-se, então, da dor dos supostos representantes de uma **direita da identidade sagrada** contra uma **esquerda da diferença profana**, esta responsabilizada por supostamente praticar sacrilégio. Polarização esta instituída pelos enunciados dos representantes da direita conservadora europeia, notadamente e inicialmente a da francesa derrotada nas eleições, criando um nós contra eles, a partir da leitura imediata da encenação sem racionalmente recorrer à cultura e emotivamente a instituir a ira contra uma *Última Ceia* profanada.

Isto nos leva diretamente à polêmica, modalidade argumentativa pautada no profundo desacordo, e a seus traços constituintes. A tríade polêmica, conforme Amossy (2017) é constituída pela dicotomia, polarização e desqualificação do adversário. Diabolização, *pathos*

e violência verbal são traços argumentativos secundários. A dicotomia é o confronto entre dois pontos de vista antagônicos, a polarização está na ordem do social e a desqualificação do adversário busca, de maneira linguageira, atingir frontalmente o campo discursivo e social no que tange ao *ethos* do adversário. Os argumentos enunciados são retoricamente arranjados através do *logos* retórico. No caso da nossa polêmica em questão, esta parte da leitura de imagem de um campo político-religioso conservador e histórico, do ocidente judaico-cristão a defender suas posições de uma **direita da identidade sagrada** a forjar, discursivamente, a partir da leitura da imagem um adversário de campo oposto a ser qualificado como uma **esquerda da diferença profana**<sup>4</sup>.

### Metodologia e Corpora

Já enfatizamos aqui que esta polêmica deu-se a partir de uma imagem encenada, ou seja, de uma base imagética e foi transposta para o verbal. Isso quer dizer que estamos, então, diante de uma polêmica multimodal. A imagem encenda, a percepção sobre ela enunciada em linguagem verbal, a associação com uma imagem pictórica da *Última Ceia*, de Da Vinci mais a contestação do campo acusado de profanação, com a *Festa dos Deuses*, de Jan Hermansz van Bijlert. Ou seja, temos uma argumentação polêmica que se vale da imagem para enunciar perspectivas que nos levam a analisar, principalmente por meio de um diálogo entre a perspectiva Retórica e a Pragmadialética:

[...] como as diferentes perspectivas de argumentação – lógica, retórica e dialética, predominantemente – conseguem (ou não) abarcar o imagético no âmbito de seus modelos teórico-metodológicos, construindo conceitos e instrumentos pertinentes para dar conta dessa realidade cada vez mais presente, considerando o avanço das práticas discursivas digitais – primordialmente multimodais – na nossa vida cotidiana e institucional (Gonçalves-Segundo, 2021, p. 74).

Aliada às nomeadas perspectivas aludidas acima, iremos utilizar-nos, também, dos pressupostos teóricos da Análise Dialógica da Argumentação (ADA), proposta por Lucas Nascimento (2018a), em sua tese de doutoramento. A ADA trata-se de um encontro epistemológico-metodológico entre as ideias seminais e norteadoras do Círculo dialógico-linguístico bakhtiniano, preconizadas em **Para uma filosofia do ato responsável** (Bakhtin, 2020 [1920-1924] e a Nova Retórica de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014

---

<sup>4</sup> Cabe lembrar que, anteriormente, a partir da própria linguagem, já definimos identidade e diferença (Silva, 2012), assim como, também, o sagrado e o profano (Agamben, 2009). No que diz respeito à definição de **campo discursivo**, valemo-nos da formulação epistemológica de Maingueneau (2008): “[...] um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo” (p. 34), também “[...] “subconjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação” (p. 35), possui um “caráter essencialmente dialógico” e, a partir disto, a impossibilidade de “[...] dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo” (p.37).

[1958], aproximação esta já também estabelecida e pressuposta por Ruth Amossy (2020 [2016]), em seus estudos sociodiscursivos ao colocar que toda argumentação é dialógica, a partir de dois pontos de convergência. Um primeiro, que pressupõe uma abordagem dialógica da Análise Argumentativa do Discurso como procedimento (Amossy, 2020, p. 41) e um segundo, a pressupor que o discurso argumentativo será sempre dialógico, nos moldes do Círculo de Bakhtin, pois mesmo sem ser dialogal ele é necessariamente endereçado a outro (p. 53).

No bojo da filosofia do ato responsável, a ADA vai do ato à empatia. A visão do ato ético responsável é contrária à cisão tradicional dos mundos da ciência e da cultura e compreende a ação de adentrar ao mundo da vida, por um sujeito capaz de assumir a responsabilidade por seus atos. Dessa forma, ato, conteúdo e processo dão-se em um contexto situado, a partir do processo da empatia ativa (*vzhivanie*), ou seja, identificação (empatia plena) e retorno a si (*exotopia*) com objetivação e/ou abstração. Este processo é realizado por um sujeito agente que avalia e valora (condição de existência) (Nascimento, 2018b). Dessa maneira, é necessário entrar em empatia para com os valores do outro (axiologia) (Bakhtin, 2011, p. 23) e levar em conta os valores sociais (heteroglossia) (Bakhtin, 2018).

Para tanto, em diálogo entre Nova Retórica-Ato Responsável, a ADA, entende o seguinte, a partir da visão em comum do contato entre os sujeitos argumentantes pela língua natural: o orador é um sujeito dialógico responsivo e, ao mesmo tempo, responsável; os valores da *doxa* constituem a heteroglossia; o argumento como enunciado, pois nele há efeitos de sentido a serem investigados pelo analista; enquanto a Nova Retórica tem como viés a persuasão em busca do acordo (consenso), a ADA admite o dissenso, a pluralidade, portanto a polêmica; os espíritos em disputa da Nova retórica são compreendidos como homens em confronto (Nascimento, 2018a). Sendo assim, sobre o ponto específico da argumentação, a ADA entende o orador como sujeito argumentante responsivo e responsável que constrói o auditório e adapta-se a ele; os *topoi* como valores (axiologia); a relação *topoi-endoxa* (lugares-comuns no tópos e opinião da maioria na *doxa*); a noção de ato argumentativo como resposta do sujeito à questão do outro; o enunciado, “[...] sobretudo, em gêneros argumentativos, é a concretização dessa relação constitutiva entre sujeito argumentante e sujeito alvo” (Nascimento, 2018a, p. 167).

Nesse caso, é preciso determo-nos no ponto do ato argumentativo, pois, nesta questão há um diálogo entre os pressupostos da ADA e as reflexões de Gonçalves-Segundo (2021) sobre a argumentação multimodal. Ao se valer da Retórica, segundo Jens Kjeldsen, em diálogo com a Pragmadialética, segundo Assimakis Tseronis, o referido estudioso faz referência à construção do auditório, já aludida por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) a partir de uma relação imagética com a linguagem, fato este que ocorreu a partir dos

posicionamentos do campo da **direita da identidade sagrada** ao emitir enunciados via redes sociais e imprensa. Tanto que, ao abordar o problema da multimodalidade imagética na argumentação, assim como as visões contemporâneas desta, ele observa o seguinte:

Nesse processo, as formas de argumentar também se diversificaram, e os recursos imagéticos, sejam eles estáticos (fotografias e desenhos), sejam eles dinâmicos (sequências de imagens estáticas ou vídeos), vêm desempenhando um papel cada vez mais relevantes na argumentação desenvolvidas nas redes sociais/mídias digitais, não só no manejo do dissenso e na explicitação da diferença, como também na radicalização das posições e no fechamento em relação a outras perspectivas (Gonçalves-Segundo, 2021, p. 75).

O interessante desta citação é o quanto o reconhecimento da possibilidade de existência de uma argumentação multimodal torna-se multidisciplinar e dialógico em si, pois temos aí a relação entre o imagético estático ou dinâmico, o linguageiro da própria argumentação, o dissenso, a questão da diferença explicitada, a radicalização das posições (o emocionalismo da psicopolítica) e o manejo disto tudo que se dá a partir de um sujeito que, em nosso caso, seria o argumentante que cria um auditório e adapta-se a ele. Ou seja, um sujeito argumentante, a partir da relação entre o imagético e o verbal, investe no dissenso a valer-se de uma **argumentação epistêmica**, justamente pelo fato de que esta “[...] se encontra orientada ao processo de formação da revisão de crenças sobre a realidade” (Gonçalves-Segundo, 2021, p. 74), pois não se orienta nem para uma tomada de decisão nem para intervir na realidade, como ocorre no caso da **argumentação prática**.

Isto posto, relacionamos com a visão que a ADA tem sobre o orador ou, melhor dizendo, o sujeito argumentante dialógico responsivo e responsável, dentro da situação do ato argumentativo. Este ato, dito argumentativo, pressupõe que as relações dialógicas estão para além do domínio da linguística (translinguística) (Bakhtin, 2018). Também pressupõe que “[...] o estudo das relações dialógicas parte da unidade básica da comunicação, o enunciado” (Nascimento, 2018b, p. 167). E, finalmente, o enunciado materializa a posição valorativa (axiológica) do sujeito. Ou seja, a partir disto, então, o enunciado, em uma análise de visada dialógico-argumentativa é definido como concretização axiológica posicional do sujeito argumentante em interação com o outro, a partir do contato pela língua natural e o próprio argumento retórico em uma relação dialógica intersubjetiva **Eu para com o Outro** e o **Outro para mim**. Temos um movimento analítico dialógico-argumentativo, configurado pelo seguinte: 1. Valores; 2. Hierarquia de valores; 3. Acordo sujeito argumentante-auditório, a partir dos lugares comuns (*topoi*) de opiniões de uma maioria (*endoxa*). Toda esta configuração está materializada no que entendemos como o próprio **enunciado**.

Temos, então, em nossa polêmica multimodal, o imagético a ser dotado de sentido, portanto, a funcionar como enunciado, assim como os próprios argumentos verbais motivados

pelo imagético em diálogo, também com outros imagéticos, a saber *Última Ceia e Festa dos Deuses*. Ou seja, nossos objetos constituintes exigem o que nós gostaríamos de propor como uma Análise Dialógica da Argumentação Multimodal<sup>5</sup> (Lopes, 2025). No nosso caso, o que entendemos como um evento polêmico (dissenso, disputa, desacordo, explicitação das diferenças, emocionalismo) em um tempo-espaço (*cronotopo*) em torno da cena de culinária, moda, música eletrônica francesa, e diversidade de gênero, representada pelos deuses olímpicos em uma cena da abertura dos Jogos Olímpicos de Paris 2024. Para tanto, nos valeremos do encontro entre a ADA e os pressupostos da ainda incipiente área da argumentação multimodal.

Para empreendermos a nossa análise, iremos nos utilizar de uma imagem estática da abertura de Paris 2024, de artigos jornalísticos com destaque para argumentos de ambos os campos discursivos, de imagens comparativas da referida estática das aberturas com a *Última Ceia e Festa dos Deuses* sobrepostas. Já que se trata de uma multimodalidade de discursos (imagético, verbal, jornalístico, opinião), teremos o *corpora* desta polêmica multimodal. Iremos dar ênfase principalmente aos valores expressos pelos dois campos discursivos, que correspondem à heteroglossia ou *doxa* (Seixas, 2023), diretamente representação material discursiva da axiologia de valores de cada um deles, articulando isto ao que já abordamos sobre linguagem, cultura, identidade, diferença e psicopolítica. Passemos, então, à nossa análise.

### **Análise de uma polêmica multimodal**

Como um introito para a nossa análise, iremos começar por apresentar a estática da cena da abertura de Paris 2024. Trata-se de um congelamento estático de uma imagem que foi encenada, com movimento e música eletrônica ao fundo. O que fica, então, daí, torna-se uma semiotizada iconografia, assim como as já referidas pinturas do passado. Não há, na pintura, uma interação verbo-imagética, mas simplesmente a modalidade visual. Dessa forma, temos os objetos semiotizados discutidos por Volóchinov (2018 [1929]), do Círculo de Bakhtin. Ou seja, tudo aquilo que é ideológico é um signo. Ao observarmos a obra<sup>6</sup>, inicialmente, vemos que apenas a imagem constrói o argumento, sem necessariamente haver a necessidade de haver a modalidade verbal para potencializar isso. A partir desta observação,

---

<sup>5</sup> Metodologia proposta por Lopes (2025), na qual articula a perspectiva de Nascimento (2018a) e da Argumentação Multimodal (Kjeldsen, 2015; 2018a; 2018b; Tseronis, 2018; Gonçalves-Segundo, 2021), denominando tal encontro epistemológico de Análise Dialógica da Argumentação Multimodal, tendo em vista analisar o evento polêmico em torno da exposição Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira, realizada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 2017.

<sup>6</sup> COELHO, Damy. **A Última Ceia ou A Festa dos Deuses? Conheça quadros ligados à polêmica das Olimpíadas**. Estadão/Cultura. Disponível em: < <https://www.estadao.com.br/cultura/olimpiada-ultima-ceia-festa-dos-deuses-religiao-nprec/?srsltid=AfmBOoohX6L-8lhDD2Zpt5teGCP8rJBWP3Rx-fev.RNpJX9X-J60-maxc7M7> >. Acesso em 07 fev 2025.

fazemos referência a Gonçalves-Segundo (2021), quando ele, valendo-se da retórica visual de Kjeldsen (2018b), afirma o seguinte:

A questão da recepção dos argumentos (Kjeldsen, 2018b), em especial, vem recebendo cuidadosa atenção na perspectiva retórica, o que está fortemente atrelado à importância que o auditório e, portanto, os acordos e as hierarquias de valores assumem em tal campo, em decorrência do trabalho seminal de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002 [1958]) (Gonçalves-Segundo, 2021, p. 81-82).

A partir desta imagem, e em se pensando na audiência televisionada, assim como nos sujeitos que estavam no local a assistir, tivemos um auditório. Este auditório, por sua vez, já dotado de valores prévios, de campo heteroglóssico-axiológico, a partir das suas hierarquias desses próprios valores travam seus acordos, em relação ao seu próprio campo valorativo e, a partir daí, assumem posições enunciativas sobre a imagem. Um campo conservador, os da **direita da identidade sagrada** que, a partir da sua *doxa*, atribuem um tom de rejeição ao encenado e atribuem vilipêndio aos valores cristãos ocidentais, constroem um outro campo, o da **esquerda da diferença profana** que, a partir da sua *doxa* própria, irá ter de se explicar da acusação de blasfêmia.

Observamos que, para se enunciar a partir de uma imagem, faz-se necessário levar em conta o contexto, a cognição, o auditório, utilizar-se situadamente da imagem, pois há dois tipos de condensação da imagem no referente ao seu valor retórico-argumentativo, a evocar tanto pensamentos quanto sentimentos (Seixas, 2021). Uma **condensação emocional**, associada ao *pathos*, e/ou uma outra, a **condensação racional**, associada ao *logos*. Cabe aqui, mais uma vez, citar as pertinentes observações de Gonçalves-Segundo (2021), a partir, novamente da retórica visual de Kjeldsen (2018b):

Para Kjeldsen (2018a), pelo fato de a argumentação não apresentar uma sintaxe clara, sendo, portanto, difícil discernir entre as unidades de geração de sentido, é fundamental compreender o contexto argumentativo, dado que é ele que permitirá ao auditório localizar, reconstruir e interpretar a argumentação que se vale de imagens (Gonçalves-Segundo, p. 82).

Ou seja, a imagem será tida como tese e, a partir da tese a partir da imagem, teremos o(s) argumento(s). É importante lembrar que esta imagem parte de um roteiro de encenação, portanto a própria imagem se dá a partir do argumento teatral roteirizado e é aí que vai entrar o diálogo da Retórica de Kjeldsen (2015; 2018a; 2018b) com a Pragmadialética, também visual, de Tseronis (2018). Mais uma vez, é pertinente a observação, neste sentido, sobre a assunção de posições similares do segundo citado ao primeiro, mesmo que este segundo tenha uma outra visada teórica, feita por Gonçalves-Segundo (2021, p. 83):

Para o autor, as modalidades imagética e verbal se combinam para produzir significados argumentativos e, do mesmo modo, que prestamos atenção à

forma como a linguagem é arranjada em termos sintático-semânticos, também é necessário investir em uma empreitada de refinamento teórico-metodológico no tocante às formas pelas quais as imagens são construídas, o que envolve considerar os diferentes efeitos emergentes de distintos arranjos de cores, texturas, saliências, *layout*, dentre outros.

É a partir daí que a imagem se junta aos enunciados verbais e está posta a argumentação multimodal, tanto retórica quanto pragmatológica. Os argumentos que, a partir do roteiro são encenados, adquirem uma semioticidade e, a partir desta e da sua condensação, um campo discursivo decodifica e verbalmente codifica esta imagem em linguagem, por meio de seus enunciados emocionais ou racionais, com toda a valoração axiológica dada em sua *doxa*. O imagético mais o verbal motivam significados argumentativos. Temos, então, uma imagem, sua recepção e a resposta; assim, o monomodal da imagem torna-se multimodal. Ou seja, a partir da imagem e de como ela descreve o que descreve temos as escolhas de interpretação do auditório que, por sua vez, é guiada justamente por estas escolhas (Gonçalves-Segundo, 2021). Dessa forma, partamos, então para os enunciados dos dois campos discursivos que escolheram sua interpretação e a expressaram como enunciados verbais.

### **E a encenação tornou-se em paródia de Santa Ceia: o posicionamento da direita da identidade sagrada**

A encenação da Santa Ceia<sup>7</sup>, por sua vez, trata-se de uma *doxa* heteroglóssica formada por valores axiológicos politicamente de direita, religiosamente de uma linhagem judaico-cristã, defensora de um nacionalismo identitário e de uma visão binarista de mundo, no que diz respeito ao que é cristão e não-cristão, família biológica, visão biológica de gênero. O referencial, como já colocamos é um referencial predominantemente tradicionalista cristão. Sendo assim, nos convém aqui observar que nós definimos tanto este campo discursivo quanto o campo discursivo oposto, a partir da nossa empatia ativa justamente com este campo discursivo que deu início à nossa polêmica em questão. Então, por empatia ativa (*vzhivanie*) e realizando a *exotopia* bakhtiniana (Bakhtin, 2020), é que nós nomeamos ambos os campos, lembrando que a **direita da identidade sagrada** constrói o seu próprio e, a partir da nossa empatia ativa para com ela, deduzimos o da **esquerda da diferença profana**.

Ao observar a outra imagem<sup>8</sup>, no contexto da abertura de uma Olimpíada da Era Moderna, reencontro da tradição grega da Antiguidade Clássica com a França que, por meio do Barão de Coubertin (1863-1937), um francês, voltou-se à tradição grega, criando o Comitê

---

<sup>7</sup> **20 curiosidades sobre a última ceia**. Revista Isto É. Disponível em: <https://istoe.com.br/20-curiosidades-sobre-a-ultima-ceia-obra-prima-de-leonardo-da-vinci/>. Acesso em 07 fev. 2025.

<sup>8</sup> **Cena da abertura das Olimpíadas de Paris**. O GLOBO. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/>. Acesso em 07 fev. 2025.

Olímpico Internacional (COI) e realizando a primeira justamente na Grécia, em Atenas, em 1896. Para os políticos franceses conservadores, os primeiros a manifestarem-se via redes sociais, a referência foi cristã, mais precisamente como mais uma das muitas paródias já feitas em torno da pintura da *A Última Ceia*, de Leonardo da Vinci. Mesmo diante do contexto com todo o figurino, presença de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, a presença do deus Dionísio mais à frente da imagem, dentro de uma bandeja com frutas, hortaliças, o requinte da culinária francesa e o cloche, suspenso no ar, conforme consta no segundo *link* na nota de rodapé (**O Globo**), a imagem que marca este campo discursivo é a da mesa que remete à leitura pictórica de Da Vinci, do relato constante nos evangelhos do Novo Testamento da Bíblia cristã. Passemos, então, aos enunciados deste campo discursivo:

- [1] “Para todos os cristãos do mundo que estão assistindo à cerimônia #Paris2024 e se sentiram insultados por esta paródia drag queen da Última Ceia, saibam que não é a França que está falando, mas **uma minoria de esquerda pronta para qualquer provocação**”, escreveu a política de direita Marion Marechal em um post no X” (Ismerim, da CNN, 28/07/2024 às 14:02 | Atualizado 28/07/2024 às 14:40, grifo nosso).

O enunciado da referida política francesa afirma, aliás como tantos outros afirmaram, tratar-se de uma paródia da *Última Ceia*. O tom é de *pathos*, sentimental, identifica-se com o insulto e estabelece uma polarização cristãos *versus* “uma minoria de esquerda pronta para qualquer provocação”. Ou seja, temos aí um adversário que ataca uma religião por motivos políticos. Há uma simbiose aí de um discurso religioso com um discurso político. A polêmica é do tipo explícito, pois traz o objeto de disputa e nomeia o adversário (Bakhtin, 2018). O multimodal funde o que foi visto com a expressão enunciativa suscitada por isto. O imagético, o retórico e o pragmadialético materializam-se (Gonçalves-Segundo, 2021).

Isto posto, a cena tornou-se em um evento polêmico, pois, segundo Nascimento (2018a, p. 204), trata-se do “[...] encontro de posicionamentos polêmicos, fundantes de dois campos discursivos antagônicos, responsáveis por atualizar entidades de outras polêmicas, ao disputarem os sentidos de um mesmo objeto do discurso”. Ou seja, a cena tornou-se polêmica e este enunciado da política funda um antagonismo e ao apontar a esquerda como “pronta para qualquer provocação”, atualiza outros momentos de polarização e outras polêmicas a envolver a *doxa* da **direita da identidade sagrada** com a *doxa* da **esquerda da diferença profana**. Isto fatalmente irá exigir posicionamento enunciativo do campo oposto e, também, a norma conservadora a estabelecer o binarismo normal, desejável e único para com a diferença (Silva, 2012). Vejamos, assim, um outro enunciado:

- [2] “O italiano de direita Matteo Salvini acrescentou: “Abrir os Jogos Olímpicos **insultando** milhares de milhões de cristãos no mundo foi realmente um péssimo começo, queridos franceses”” (Ismerim, da CNN, 28/07/2024 às 14:02 | Atualizado 28/07/2024 às 14:40, grifo nosso).

Mais uma vez temos a referência ao termo insulto. O interessante é que, nesse caso, não há uma referência explícita ao grupo político, mas aos franceses como um todo. Os franceses, berço do iluminismo, da esquerda política, das revoluções políticas e sociais do que se entende por Idade Contemporânea, desde 1789, são os insultantes de “milhares de milhões de cristãos no mundo”. Isso mantém uma relação enunciado verbal com o imagético, pois este enunciado dá-se a partir do que foi visto na abertura de Paris 2024 e a leitura continua no ponto de referência de que houve uma paródia desrespeitosa à religião cristã. Isso novamente remete-nos ao sagrado e ao profano e à ideia de profanação em si. O sagrado e religioso pertencente ao Deus da maioria cristã e foi profanado pela minoria cultural representada pela antiga religião pagã grega dos deuses olímpicos e, ainda mais, por sujeitos representantes de uma performance de gênero não biológica sendo personagens da cena. O dispositivo discursivo da norma, da maioria, do padrão, da identidade contra o profano que é a utilização do sagrado “ao livre uso dos homens” (Agamben, 2009, p. 14). E isto com base na afirmação de que certamente houve paródia, como veremos em outros enunciados abaixo:

- [3] **“Blasfêmia!**
- [4] **“A abertura das Olimpíadas trouxe uma blasfêmia contra Cristo ao retratar a santa ceia numa perspectiva woke.**
- [5] “Na verdade, o Cristianismo sempre foi odiado. Agora, o que vimos ao vivo em Paris foi ESCÁRNIO e DEBOCHE com a fé cristã, além, é claro, de ser desrespeitoso.
- [6] “Ademais, como não podia deixar de ser, o lixo da abertura foi celebrado pela #globolixo
- [7] “Pois é, **a França, como sempre, envolvida em tudo o que não presta.**
- [8] **“Que Deus cuide dessa geração woke e lhes conceda o que merecem”** (Vargens, 26/07/2024, 18h47, grifo nosso).

Trata-se de uma opinião, publicada no jornal on-line *Pleno.News*, de linhagem cristã evangélica, de tendência política conservadora, por Renato Vargens, pastor sênior da Igreja Cristã da Aliança em Niterói, no Rio de Janeiro. O título da referida opinião já afirma o seguinte: “Abertura das Olimpíadas em Paris é marcada por blasfêmia e desrespeito ao Cristianismo”. Coloca, como subtítulo, o enunciado [7], sem o sentido explicativo, porém como o seguinte juízo de valor sobre o país sede dos últimos Jogos Olímpicos: “A França, como sempre, envolvida em tudo o que não presta”. Na verdade, tanto o título quanto o subtítulo podem ser considerados, assim como estes enunciados de [3]-[8], enumerados, na sequência textual em que aparecem, sem supressões, o que a ADA caracteriza como atos polêmicos. Cabe aqui, então, uma definição do que se entende por esse tipo de ato dialógico-retórico-argumentativo:

Em um evento polêmico, os sujeitos posicionados em campos adversos interpretam os fenômenos não apenas de maneira diferente, mas, sobretudo, divergente, justamente porque os sentidos se constituem a partir do lugar de onde os sujeitos olham, interpelados pelos valores, ideologias e, portanto,

pela memória discursiva própria a cada campo. Por isso, as palavras, os argumentos e todo processo argumentativo, o que Nascimento (2018a) designa de atos polêmicos, são energizados, semântica e discursivamente, pelo evento polêmico (Seixas; Nascimento, 2021, p. 2409).

Ou seja, transformar uma cena recortada em evento polêmico vai motivar, como reação, o posicionamento por meio de enunciados verbais, energizados, plenos da *doxa* heteroglóssica do campo discursivo do sujeito dialógico argumentante. Neste evento polêmico criado, multimodal, a partir de uma visão geral destes atos polêmicos elencados, por lexemas e expressões de tom intensamente emocionais, como “Blasfêmia!”, “blasfêmia contra Cristo”, “o Cristianismo sempre foi odiado”, “ESCÁRNIO e DEBOCHE” com a fé cristã”, “desrespeitoso”, “o lixo da abertura foi celebrado pela #globolixo”, e os atos-enunciados [6] e [7] como um todo, nos colocam diante da emocionalidade peculiar à psicopolítica. A emotividade é muito mais rápida do que a racionalidade mais lenta. Sendo assim, “[...] a pressão da aceleração leva a uma *ditadura da emoção*” (Han, 2018, p. 66), pois “Agora se explora o social, a comunicação, até mesmo o próprio comportamento. Emoções são utilizadas como «matéria-prima» para otimizar a comunicação” (p. 67). Esse tom emocional dos atos polêmicos terminam por energizar o “eles estão contra nós” mais ainda, pois acentuam a tríade polêmica da dicotomização, polarização e desqualificação do adversário.

Os presentes atos polêmicos estão em comunhão com o enunciado [1] da política francesa acima referida. Isto nos faz retornar à já aludida emoção patêmica da Retórica aristotélica, no tocante à ira contra o adversário que supostamente fez algo ofensivo e repulsivo. Tanto que, em seu prefácio à *Retórica das paixões*, que na tradução preferiu usar o termo cólera para a ira, Michel Meyer (Meyer In: Aristóteles, 2021) comenta o seguinte sobre este *pathos*, a partir do pressuposto de que a análise da lógica da cólera é importante como uma parte da alma para Platão, o irascível. Assim, “para Aristóteles, a cólera é o reflexo de uma diferença entre aquele que se entrega a ela e aquele ao qual ela se dirige” (Meyer In: Aristóteles, 2021, p. XLIII). O interessante é que isso vai ao encontro do que já colocamos sobre a identidade e a diferença, a partir de Tomaz Tadeu da Silva (2012), pois, ainda segundo Meyer (In: Aristóteles, p. XLIII):

Por essa razão, acha-se na dependência dessa lógica da identidade e da diferença, a qual caracteriza a retórica, a relação retórica. A cólera é um brado contra a diferença imposta, “injusta” ou como tal sentida; revela ao interlocutor que a imagem que ele forma do locutor carece de fundamento. Daí o desejo de vingança: a cólera reequilibra a relação proveniente do ultraje, da afronta, do desprezo.

O tom colérico, ou seja, de ira, encontra-se em todos os enunciados de [3]-[8], assim como no título e subtítulo. Os atos polêmicos [4] e [8], no que tange, respectivamente à “santa ceia numa perspectiva *woke*” e a “Que Deus cuide dessa geração *woke* e lhes conceda o que

merecem” ressaltam o ponto da identidade *versus* a diferença. “perspectiva *woke*” e “geração *woke*”, além de terem um efeito de sentido em relação ao comportamental, assemelham-se ao desprezo ao que comumente se entende como *queer*, no sentido de abjeto.

O termo *woke*, com conotação absolutamente política e também comportamental, é o “despertar” ou “acordar” dos movimentos sociais, notadamente afro-americanos, que tem gerado uma verdadeira batalha cultural e política nos EUA (BBC News Brasil, 13 agosto, 2024). O tom colérico belicoso e de desqualificação do adversário, utilizado pelo enunciador da opinião, como desejo de vingança ao suposto ultraje, afronta e desprezo, elaborado a partir da imagem recortada, conjura Deus a cuidar destes diferentes e dar a eles o que merecem. Mais uma vez, a imagem ilustrativa, recorta a encenação como um todo, retira Dionísio, a bandeja e o cloche da cena, recorta quase todo o palco, em forma de plataforma, que havia sido passarela de desfile, tornando-se em uma mesa.

### **Eram os deuses olímpicos mais a diversidade: a posição da esquerda da diferença profana**

Cabe aqui, inicialmente, lembrar que designamos este campo discursivo a partir do exercício de empatia ativa (*vzhivanie*) e *exotopia* (Bakhtin, 2020) que fizemos com o campo da **direita da identidade sagrada**. O nosso campo em questão, agora, trata-se de sujeitos que se posicionam a partir de ideias de afirmação das diferenças, da diversidade cultural, de gênero e diálogo entre as múltiplas tendências artísticas por nós testemunhadas aos assistirmos à abertura dos Jogos Olímpicos em Paris 2024.

Para tanto, iremos nos valer de enunciados que tentam esclarecer, a partir de uma perspectiva universalista, racional e elaborativa o todo do que foi visto da referida encenação abordada de maneira estática, politizada, religiosamente irada e recortada pelo campo anterior, o que transformou a cena em evento polêmico e, de maneira verbal reagente, nos materializou atos polêmicos. Tanto o evento criado quanto os atos dialógico-retórico-argumentativos materializados, obviamente deram origem a um outro campo quanto exigiu um posicionamento verbal deste. Vejamos o decorrer desta polêmica multimodal, a partir da observação imagem da cena de cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos disponível no link em nota de rodapé<sup>9</sup> em comparação com a referência: a pintura Festa dos Deuses<sup>10</sup>, de Jan Harmensz van Bijlert, cena e pintura lado a lado, e de mais três enunciados verbais.

---

<sup>9</sup> COELHO, Dany. **A Última Ceia ou A Festa dos Deuses? Conheça quadros ligados à polêmica das Olimpíadas**. Estadão/Cultura. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/cultura/olimpiada-ultima-ceia-festa-dos-deuses-religiao-nprec/?srsltid=AfmBOoohX6L-8lhDD2Zpt5teGCp8rJBWP3Rx-fev.RNpJX9X-J60-maxc7M7>>. Acesso em 07 fev 2025.

<sup>10</sup> VIEIRA, Eli. **Quadro de medalhas da lacração: França ganha ouro com provocação a cristãos**. Gazeta do Povo. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/quadro-de-medalhas-da-lacrao-franca-ganha-ouro-com-provocacao-a-cristaos/>> Acesso em 07 fev. 2025.

Feita a observação, voltamos novamente à ideia de que apenas a imagem constrói o argumento, sem necessariamente haver a modalidade verbal para potencializar isso. Ao mesmo tempo, a imagem é construída pelos argumentos constantes no roteiro que deu origem a ela. Isso continua a corroborar com a perspectiva da pragmatialética de Tseronis (2018), porque ele apresenta quais são os papéis que uma modalidade imagética pode exercer (direto, indireto ou periférico). Nesse caso, a imagem, por si só, exerce um papel direto, porque não há uma complementação verbal para construir significado. Ela constrói significado por si só (Gonçalves-Segundo, 2021). As poses empregadas pelas personagens são semiotizadas. Então, independente da configuração que seja, nesse caso de *drag queens*, para os que se limitam a um referencial cultural cristão identitário isolado, a semiotização sempre irá remeter à Santa Ceia relatada nos evangelhos e pintada por Da Vinci, em a *Última Ceia*.

Na argumentação multimodal de aparato pragmatialético, cuja referência é Tseronis (2018), temos, como foco de trabalho o “exame da divisão de trabalho entre as modalidades quanto ao seu papel na resolução de um conflito de opinião”, como arsenal metodológico a voltar-se “[...] a atenção tanto à representação evocada pela imagem quanto ao modo como ela foi construída” e como incorporação de ferramentas semióticas a “[...] incorporação sistemática de categorias de análise oriundas da Semiótica Social” (Gonçalves-Segundo, 2021, p. 85). Sendo assim, o primeiro enunciado selecionado será justamente uma declaração, dada à emissora de televisão francesa BMF TV, pelo próprio diretor artístico da abertura dos Jogos Olímpicos de Paris 2024 (Thomas Jolly):

- [1] **“A Última Ceia? Essa não foi minha inspiração.** Dionísio chega a essa mesa. Ele está lá, por quê? Porque ele é o deus da festa, do vinho, e pai de Sequana, deusa ligada ao rio. A ideia era fazer uma grande festa pagã ligada aos deuses do Olimpo” (Ismerim, da CNN, 28/07/2024 às 14:02 | Atualizado 28/07/2024 às 14:40, grifo nosso).

Neste enunciado, Jolly apresenta, de maneira explicativa, a sua inspiração para a montagem da cena. De maneira lógica, racional, desapaixonada, reflexiva apresenta um contraponto à polêmica e não se insere no imediatismo da psicopolítica, pois, ao contrário da *emocionalidade*, a *racionalidade* é objetiva, universal, busca uma estabilidade (Han, 2018). Ele contextualiza a cena com a história cultural da Grécia Antiga, passado da própria Europa e civilização criadora das Olimpíadas da Antiguidade, o que está diretamente de acordo com a Semiótica Social como incorporação de ferramenta semiótica da pragmatialética (Gonçalves-Segundo, 2021). Uma Semiótica Social diretamente ligada às raízes da própria cultura europeia grecorromana, origem da própria cultura Ocidental, portanto da Olimpíada e da própria França a reencontrar-se com essas origens arquetípicas, na abertura de Paris 2024.

No que diz respeito à ADA, não temos aí nenhuma configuração de energização da polêmica, por meio da intensificação de traços da tríade, porém, ao afirmar “A última Ceia? Essa não foi a minha inspiração”, Jolly insere-se como enunciador em meio a uma polêmica direta e aberta (Bakhtin, 2018). O que corroboramos com o segundo enunciado selecionado dele:

- [2] “Você nunca encontrará em mim qualquer intenção de zombaria, de difamar qualquer coisa. Eu quis fazer uma cerimônia que cura, que reconcilia. Também que reafirma os valores da nossa República” (Ismerim, da CNN, 28/07/2024 às 14:02 | Atualizado 28/07/2024 às 14:40).

Jolly, aí, utiliza-se do recurso retórico de dirigir-se a um auditório ao responder à polêmica por meio do seu posicionamento. Ao ter consciência do seu *alter ethos* de zombador e difamador do cristianismo, dado pelo campo da **direita da identidade sagrada**, o diretor artístico materializa, de si para o auditório, um reconciliador que reafirma os valores da França. Na ADA, o *alter ethos* trata-se da “[...] imagem que o sujeito argumentante faz da imagem que o outro faz dele” (Nascimento, 2019b, p. 64) e, mais ainda quando o sujeito dialógico argumentante responsivo “[...] fica à mercê da polêmica, porque a desconstrução da imagem que o outro enquadróu o eu é a condição da identidade dele, de maneira que aceitar a desconstrução dessa imagem é desconstruir a sua própria imagem pública” (p. 71), portanto é necessário construir um *ethos* positivo para si.

Já que se trata de uma polêmica multimodal, o terceiro enunciado trata-se do de um usuário do X, postado dia 27 de julho de 2024, às 19:43, cujo *nickname* é *Ouriço de cartola* e o nome de usuário é @cegadede, que se tornou viral nas redes sociais é:

- [3] “Vocês passaram o dia criticando "o desrespeito à última ceia" e na verdade era uma representação do quadro "a festa dos deuses". “Sabemos disso pois não tem baco na última ceia mas tinha baco nas olimpíadas. Então a drag com coroa não é Jesus e sim Apolo” (Ismerim, da CNN, 28/07/2024 às 14:02 Atualizado 28/07/2024 às 14:40).

Na última atualização da referida reportagem jornalística, esta já contava com 32,7 mil curtidas e 810 respostas. Em tom irônico, inserido na polêmica, dentro da multimodalidade, pois posta, como ilustração a pintura *Festa dos Deuses*, o enunciado mantém a dicotomização entre as duas semiotizações pictóricas da cena, polariza ao utilizar-se do pronome “vocês” e desqualifica o nível cultural dos adversários, justamente por meio da ironia, ao apontar os signos imagéticos como óbvios. O que há em comum entre este enunciado e o do diretor artístico da cena é a argumentação multimodal sistêmica, pois a discussão polêmica gravita em torno das possibilidades analíticas a partir do debate, a ter tanto a fundamentação em um esquema de percepção quanto na sustentação das presunções de ambos (Gonçalves-Segundo, 2021), em seus atos polêmicos.

Ao partir para uma visão retórica dessa polêmica multimodal, o campo da **esquerda da diferença profana** utiliza-se da analogia e, no caso do argumento [3], nós temos a energização da polêmica por meio da ridicularização perceptivo-intelectual dos componentes da imagem. Esse campo argumentativo recorreu à contextualização dentro da Semiótica social cultural, sob uma perspectiva lógico-racional, pois articulou a cena com as raízes culturais europeias, assim como com as personagens de inspiração pagãs evidenciadas na figura dos deuses olímpicos para os quais os antigos jogos eram dedicados, representados pelo deus Apolo ao centro com a auréola de luz evidente no quadro e, em um plano à frente, tanto na pintura quanto na estátua da imagem cênica, Dionísio, o deus dos ditirambos, dos sátiros, da natureza, do vinho e das festas dionisíacas regadas a esta bebida e às orgias culinárias.

### Considerações finais

A partir da nossa proposta teórico-metodológica pudemos evidenciar a estreita ligação entre a linguagem, o poder e a cultura, principalmente no que concerne à psicopolítica. O poder identitário hegemônico estabelece a diferença, utilizando-se da linguagem e tenta controlar a cultura a partir da sua visão unilateral de mundo, ao desqualificar as diferenças e a diversidade como anômalas, por meio de um emocionalismo pelo controle de comportamentos e mentes. Nesse caso, a política torna-se uma religião secular e a religião é inserida em enunciados retórico-argumentativos da política, enquanto o conservadorismo religioso insere a polarização política em seu discurso de diabolização das diferenças. Para tanto, examinamos uma polêmica motivada a partir da imagem. Nisto, a construção do próprio campo e do campo adversário, em enunciados materializados a partir da imagem.

A partir da perspectiva da argumentação multimodal, constatamos o dialogismo existente entre a encenação, o enunciado e o efeito de sentido polêmico semiotizado a partir do imagético e materializado no verbal. E, para realizar esta empreitada analítica, tornou-se necessário realizar uma empatia ativa para com o campo discursivo da **direita da identidade sagrada**, iniciadores da polêmica, a fim de designar o campo adversário da **esquerda da diferença profana**. Dessa maneira, nós estamos aqui a propor um encontro entre a metodologia e epistemologia da incipiente análise de argumentação multimodal com a Análise Dialógica da Argumentação, ou seja, em nosso caso uma Análise Dialógica da Argumentação Multimodal, na modalidade polêmica a envolver diversos gêneros discursivos em diálogo com o imagético e seus efeitos de sentido, em eventos e atos polêmicos.

Nosso empreendimento também nos defrontou com a posição bakhtiniana, em sua filosofia do ato responsável, segundo a qual todos os mundos da experiência humana não estão dissociados e são a própria vida humana: o esporte, a arte, a linguagem, a estética, a política, a cultura, a religião, a identidade e, óbvio, a própria linguagem a materializar todos

estes campos, seja ela imagética (estática ou dinâmica) ou verbal. Tudo isso pôde haver sido observado através do encontro entre a moda, a culinária, a música eletrônica e a diversidade cultural e também de gênero franceses, local de origem do idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna em alusão aos deuses olímpicos da Grécia, homenageados originais pelos jogos realizados na Antiguidade Clássica.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009. p. 25-51.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Coord. da trad. Mônica Magalhães Cavalcante. Trad. Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto *et al.* São Paulo: Contexto 2017. 224 p.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Coord. da trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. Trad. de Angela M. S. Corrêa *et al.* 1. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2020. 288 p.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior. Trad. e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do nascimento Pena. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes 2012. (Coleção Obras Completas de Aristóteles).

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Prefácio de Michel Meyer. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2020. p. XVII-LI.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 3 reimpress. 160 p.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BBC NEWS BRASIL. **O que é 'woke' e por que termo gera batalha cultural e política nos EUA**. 13 agosto 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy4y82w737do>. Acesso em: 10 set. 2024.

CERTEAU, Michel de. **Cultura no plural**. Trad. Enid Abreu Dobraánszky. 6. ed. Campinas, SP: Ed. Papyrus, 2010. (Coleção Travessia do Século)

COELHO, Damy. **A Última Ceia' ou 'A Festa dos Deuses'?** Conheça quadros ligados à polêmica das Olimpíadas. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/olimpiada-ultima-ceia-festa-dos-deuses-religiao-nprec/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Argumentação multimodal: múltiplos olhares para um objeto complexo. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; PIRIS, Eduardo Lopes (orgs.). **Estudos de linguagem, argumentação e discurso**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica** – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Trad. Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2018.

KJELDSEN, J. The Rhetoric of Thick Representation: How Pictures Render the Importance and Strength of an Argument Salient. *Argumentation*, v. 29, n. 2, p. 197-215, 2015. DOI <https://doi.org/10.1007/s10503-014-9342-2>.

KJELDSEN, J. Visual rhetorical argumentation. *Semiotica*, v. 2018, n. 220, p. 69–94, 26 jan. 2018. <https://doi.org/10.1515/sem-2015-0136>.

LOPES, Priscila Santos. **Obras de arte da exposição Queermuseu (2017) em polêmica: composição axiológica e conflito entre defensores da liberdade artística e político-religiosos**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2025. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=16794684](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=16794684). Acesso em 20 jan. 2025.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 184 p.

MEYER, Michel. **Principia rhetorica**: une théorie générale de l'argumentation. Paris: Fayard, 2008.

NASCIMENTO, Lucas. **Análise dialógica da argumentação: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político**. 2018. 557f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018a.

NASCIMENTO, Lucas. Um diálogo entre a filosofia do ato e a argumentação: um caminho possível. In: AZEVEDO, I. C.; PIRIS, E. L. (org.). **Discurso e Argumentação**: fotografias interdisciplinares. Coimbra: Grácio Editor, 2018b. v. 2, p. 153-172.

NASCIMENTO, Lucas. Análise dialógica da argumentação polêmica: uma hipótese geral. In: **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 151-169, 2019a. DOI: <https://doi.org/10.22168/2237-6321-11395>

NASCIMENTO, Lucas. Quando o alter ethos é homofóbico. In: **EID&A** – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 18, p. 57-73, abr. 2019b. DOI [dx.doi.org/10.17648/eidea-18-2198](https://doi.org/10.17648/eidea-18-2198).

NASCIMENTO, Lucas. A criminalização da homofobia como evento polêmico: o dissenso entre LGBTs e cristãos. **Revista Científica do Curso de Direito**, Vitória da Conquista, n. 3, p. 6-25, 2019b. DOI: <https://doi.org/10.22481/rccd.v0i3.6063>

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SEIXAS, Rodrigo; NASCIMENTO, Lucas. Impeachment ou morte: a configuração retórica de um evento polêmico no espaço público digital. **REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**, [S.I.], v. 29, n. 4, p. 2397-2428, julho 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.29.4.2397-2428>.

SEIXAS, Rodrigo. A ecologia digital argumentativa: possibilidades e perspectivas para uma análise retórica da argumentação multimodal. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 3, p. 918-937, 2021. <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i3.1961>.

SEIXAS, Rodrigo. O terreno pantanoso da *doxa*: reflexões para um tratamento lógico-discursivo da argumentação. **Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação**, n.2, p. 142-160, 2023. <https://doi.org/10.47369/eidea-23-2-3741>.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Stuart Hall, Kathryn Woddyward, 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 73-102.

TSERONIS, A. Multimodal argumentation: Beyond the verbal/visual divide. *Semiotica*, v. 2018, n. 220, p. 41-67, 2018. DOI <https://doi.org/10.1515/sem-2015-0144>.

THE NEW YORK TIMES. **Historiadores divididos: abertura das Olimpíadas realmente parodiou 'A Última Ceia'? Descubra a obra que pode ter inspirado a cena**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/olimpiadas/noticia/2024/07/29/historiadores-divididos-abertura-das-olimpiadas-realmente-parodiou-a-ultima-ceia-descubra-a-obra-que-inspirou-a-cena.ghtml>. Acesso em: 30 jul. 2024.

VARGENS, Renato. **Abertura das Olimpíadas em Paris é marcada por blasfêmia e desrespeito ao Cristianismo**. Disponível em: [https://pleno.news/opiniao/renato-vargens/abertura-das-olimpiadas-em-paris-e-marcada-por-blasfemia-e-desrespeito-ao-cristianismo.html#google\\_vignette](https://pleno.news/opiniao/renato-vargens/abertura-das-olimpiadas-em-paris-e-marcada-por-blasfemia-e-desrespeito-ao-cristianismo.html#google_vignette). Acesso em: 30 jul. 2024.

## Sobre os autores

*Tarcísio Pereira Guedes*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4542-1090>

Doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS). Bolsista CAPES.

*Priscila Santos Lopes*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8260-9650>

Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS). Bolsista CAPES.

*Rodrigo Seixas*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1116-3676>

Professor Adjunto da Universidade Federal de Goiás (UFG), do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPGLL/UFG) e do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Recebido em fev. de 2025.

Aprovado em mai. de 2025.